

EXCLUSIVO

Empresas de consultoria podem ter sido usadas para desviar dinheiro da Ulbra

Pág. 17



CADERNO ESPECIAL
QUALIDADE DE VIDA

Encartado nesta edição

EXTRA

ANO 14, NÚMERO 138, OUTUBRO DE 2005 - R\$ 2,50

CLASSE

Revista Nacional de Notícias e Opinião
Jornalismo de Referência

Para onde vai o lixo

tecnológico?

Aumenta absurdamente o consumo de produtos eletrônicos e a cada dia surge uma novidade no mercado, mas ainda são poucas as soluções para o lixo gerado neste processo

Pág. 14





Não há fórmulas prontas, pois cada realidade tem suas peculiaridades que não permitem generalizações

Equilíbrio no trabalho

Gerir melhor o trabalho significa encontrar um ponto de equilíbrio entre as demandas que se apresentam a cada instante, bem como as próprias expectativas e as dos outros sobre o nosso desempenho. É o que pensa a doutora em Educação, Eliana Moura. Para ela, esse conjunto de elementos tensionam sobre o modo de gerir o trabalho e constitui o que se chama de o dramático uso de si. "O termo "dramático" quer dizer que trabalhar é sempre lidar com o inédito de cada situação e ter que encontrar, a cada momento, respostas não previstas, não planejadas. Penso que essa experiência torna-se "angustiante" porque, em geral, existe um certo padrão pré-estabelecido", diz a professora. No caso específico dos professores, ela acredita que reconhecer que esse espaço de imprevisibilidade é parte constitutiva da tarefa docente. "Ou seja, reconhecer que sempre haverá uma dimensão 'artesanal' inerente à tarefa docente", completa.

Uma das posturas mais comuns em relação aos professores é se colocarem como vítimas. Apesar de ser uma das inúmeras formas de enfrentamento da inevitável experiência dramática de uso de si, não é a melhor escolha. "Não acho que a vitimização seja uma boa forma de protagonismo, porque ela engessa, paralisa, despotencializa os professores. O problema é que, nem sempre, existe ou-

tra forma de se posicionar frente às pressões da lógica da organização do trabalho nas escolas. Nesses casos, a vitimização, pelo menos, chama atenção, denuncia, acusa que algo não está bem", acredita Eliana.

Para o consultor e professor de liderança, Eugenio Mussak, os educadores precisam trazer para a sala de aula as competências de um líder, e não agir como se fosse um "chefe". "Um chefe manda, um líder inspira, motiva. Líder não é cargo, é postura", diz Mussak. Por isso, ele afirma que a liderança é algo que pode ser treinado, mas reforça que antes de tudo o professor precisa investir na sua relação com o aluno. "É preciso criar um ambiente saudável em sala de aula. E para isso é preciso primeiro querer estar ali, gostar do que se faz".

Para Eliana, não há fórmulas prontas, pois cada realidade tem suas peculiaridades que não permitem comparações ou generalizações. "Contudo, sempre aposto na via do enfrentamento coletivo, onde cada professor/a participa de um amplo processo de 'negociação' que define inclusive os parâmetros do que é suportável e sustentável, ou não, no seu trabalho", destaca. Para ela, a melhoria da qualidade de vida no trabalho passa pela instauração de espaços coletivos e democráticos de negociação sobre o que é e como é a atividade docente.